

TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL: UM DINÂMICO PASSO ADIANTE?

CONCEPTUAL METAPHOR THEORY: A DYNAMIC STEP FORWARD?

Josie Helen Siman¹

Universidade Estadual de Campinas

Thiago Oliveira da Motta Sampaio²

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) inspira várias pesquisas em contextos interdisciplinares, o que torna difícil rastreamos quais pontos da teoria são pertinentes no cenário das ciências cognitivas hoje. O objetivo deste artigo é revisar discussões atuais multidisciplinares (empíricas e teóricas) sobre metáforas, problematizando algumas reivindicações da TMC, além de propor novas análises de dados de linguagem em uso (com dados de fala disponível na internet e de respostas a questionário). Sendo assim, discutiremos os seguintes pontos: ao contrário do que a TMC propunha, (i) conceitos abstratos não são majoritariamente metafóricos; (ii) metáforas não determinam o pensamento; e (iii) a representação e o processamento de metáforas não são fixos. Além disso, ressaltamos que (iv) o significado das metáforas vai além dos mapeamentos entre domínios, enfatizando tendências de pesquisas em comunicação metafórica. Neste artigo, enfatizamos o caráter dinâmico das metáforas, o que traz a visão de que metáforas conceptuais são vieses cognitivos. Além disso, discutimos algumas possibilidades analíticas que não são feitas tradicionalmente na linguística, contemplando conhecimentos que vão além da noção de “mapeamentos entre domínios”.

Palavras-chave: Metáforas; Cognição; Sistemas Dinâmicos.

Abstract: Conceptual Metaphor Theory (CMT) inspires several research conducted in interdisciplinary contexts, making it difficult to trace which points of the theory are relevant for the cognitive science of today. The purpose of this article is to review current multidisciplinary discussions (empirical and theoretical) about metaphors, problematizing some of CMT's claims. Moreover, we propose novel analyses of language in use data (with data from speech available on the internet and responses to surveys). We discuss the following issues: contrary to what TMC proposed, (i) abstract concepts are not mostly

¹ Doutoranda em Psicolinguística na UNICAMP. É mestra em Linguística pela UNICAMP e bacharela em Linguística pela UFOP. Fez estágio como pesquisadora na área de Linguística Computacional na empresa Elabora. Possui experiência no ensino de Inglês e Redação. Concluiu iniciações científicas nas áreas de Língua Portuguesa e Semântica Cognitiva. Participou, na graduação e no mestrado, do Programa de Estímulo à Docência (PED). Foi membro fundador e presidente da Empresa Júnior de Revisão e Tradução de Textos REVER. Interessa-se pelas áreas de Linguística Cognitiva e Psicolinguística. E-mail: josiesiman@gmail.com.

² Professor MS 3.1 no departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Estágio no Instituto Nacional de Saúde e de Ciências Médicas da França (INSERM 992 - Unidade de Neurociências Cognitivas - NeuroSpin). Doutor em Linguística na linha "Linguagem, Mente e Cérebro" na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mottakun@gmail.com.

metaphorical; (ii) metaphors do not determine thought; (iii) the representation and processing of metaphors are not fixed. Moreover, we emphasize that (iv) metaphors' meaning involve more than cross-domain mappings. In this article, we emphasize the dynamic and contextual character of metaphors, which highlights the perspective that conceptual metaphors are cognitive biases. Moreover, we discuss some analytical possibilities that are not traditionally conducted in linguistics, which focus on knowledge that goes beyond the issue of "cross-domain mappings".

Keywords: Metaphor; Cognition; Dynamic Systems.

Submetido em 22 de setembro de 2020.

Aprovado em 9 de janeiro de 2021.

Introdução

A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), de Lakoff e Johnson (1980), é uma importante teoria para pesquisadores de diversas áreas, desde a linguística até a antropologia e inteligência artificial. Desde os anos 1980, essa teoria inspirou diversos tipos de trabalhos, em que as metáforas são analisadas em corpora, interações, gestos, comunicação multimodal, experimentos psico e neurolinguísticos, dentre outros. Trata-se de uma teoria tanto produtiva, quanto criticada (cf. GIBBS, 2017), pois a teoria apresenta desafios. Se, por um lado, sua importância e sua plausibilidade psicológica não podem ser ignoradas, por outro lado, algumas de suas reivindicações problemáticas também não podem.

A TMC é importante por caracterizar metáforas convencionais e cotidianas (e.g., "Ele perdeu dinheiro", "ele ganhou dinheiro") como mapeamentos entre domínios cognitivos, rompendo assim com a predominante ideia de que as metáforas eram apenas figuras retóricas, poéticas e, sobretudo, linguísticas. A partir das análises produzidas por essa teoria, o lócus da metáfora se torna a cognição. Os padrões encontrados em recorrentes usos de metáforas em jornais, conversas cotidianas, textos acadêmicos – entre outros – indicam que nosso pensamento é frequentemente metafórico. Nesse sentido, o objetivo da TMC é explicar como mapeamentos entre domínios conceptuais possibilitam e afetam o uso de metáforas linguísticas. Lonergan (2009, p. 8) afirma que

Conceptual metaphor theory therefore suggests that conceptual metaphors motivate the existence of different verbal metaphors and that the same conceptual metaphor may underlie different linguistic expressions that refer to a specific target domain (e.g., LIFE

IS A JOURNEY underlies both “I am off to a good start in graduate school,” and “I am spinning my wheels working on my thesis”³.

Lakoff (2008, p.24) propôs que havia vários sistemas no cérebro responsáveis por processar metáforas de forma inconsciente e automática: “There is a huge system of fixed, conventional metaphorical mappings. The system exists physically in our brains⁴”. Desta forma, a TMC lança um novo olhar sobre as metáforas, sobre a cognição, sobre as relações entre linguagem e corpo (já que as metáforas, ou os esquemas cognitivos que as subjazem, surgem a partir de experiências corporais), e sobre as relações entre metáforas e pensamento (i.e. a teoria propõe que as metáforas influenciavam o pensamento e comportamento das pessoas). É por fazer tantas propostas teóricas sobre diversos aspectos da vida e da cognição humana que a teoria se tornou tão influente.

Ao se levar em conta os problemas da TMC (cf. GIBBS, 2017), diversas outras propostas de “aprimoramento” foram lançadas (cf. GRADY, 1997; STEEN, 2011; 2017; SULLIVAN, 2006; CAMERON; MASLEN, 2010; SEMINO et al., 2016; KÖVECSSES, 2017; 2019, GIBBS, 2019, etc.). Além disso, há teorias que oferecem explicações alternativas sobre as metáforas como fenômeno cognitivo (e.g., GENTNER, 1986; BOWDLE; GENTNER, 2005; GLUCKSBERG et al., 2001; HOLYOAK; STAMENKOVIĆ, 2018), em oposição à TMC.

As discussões sobre as relações entre metáforas e cognição se dão num cenário interdisciplinar, o que torna difícil rastreamos quais pontos da TMC são ainda relevantes hoje. O resultado é que diferentes autores ainda se pautam em aspectos da teoria que são ou poderiam ser superados. O objetivo deste artigo é considerar os avanços (resultantes de trabalhos empíricos e teóricos recentes) sobre algumas propostas controversas da TCM, possibilitando maior diálogo interdisciplinar e atual sobre algumas reivindicações da teoria.

Consideraremos os seguintes pontos: ao contrário do que a TMC propunha, (i) conceitos abstratos não são majoritariamente metafóricos; (ii) metáforas não determinam o pensamento; (iii) a representação e o processamento de metáforas não são fixos; (iv)

³ Tradução nossa: “A TMC, portanto, sugere que as metáforas conceptuais motivam a existência de diferentes metáforas verbais e que a mesma metáfora conceitual pode estar subjacentes a diferentes expressões linguísticas que se referem a um domínio-alvo específico (por exemplo, A VIDA É UMA JORNADA é a base de ambos “Comecei bem o meu curso de pós-graduação” e “Estou girando as rodas trabalhando na minha tese”).

⁴ Tradução nossa: “Há um grande sistema de mapeamentos metafóricos fixos, convencional. O sistema existe fisicamente nos nossos cérebros”.

metáforas são mais do que mapeamentos entre domínios. Esta é uma discussão inspirada na abordagem de sistemas dinâmicos (GIBBS, 2017; 2019) e em recentes discussões e evidências científicas sobre a cognição (e.g. BORGHI et al., 2018; BARSALOU, 2020). Desta forma, pretendemos contemplar, ainda que brevemente, discussões atuais e oferecer análises que tradicionalmente não são feitas na linguística, tais quais: indicar possíveis evidências de que as metáforas conceptuais não estão sempre ativas (o que se contrapõe às análises tradicionais) e tecer considerações sobre o conhecimento humano sobre metáforas para além dos mapeamentos entre domínios – essa discussão é coerente com as propostas de Steen (2017) e colegas sobre a necessidade de uma teoria que contemple aspectos comunicativos da metáfora.

1. Possíveis Mudanças Teóricas

Nesta seção, discutiremos algumas propostas teóricas da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) que podem vir a ser superadas frente a novas pesquisas empíricas e desenvolvimentos teóricos. Antes disso, apresentaremos breves introduções sobre o que são metáforas conceptuais.

Dancygier e Stweetser (2014) explicam que a questão das metáforas envolve entender como palavras que são geralmente literais dão origem a sentidos metafóricos. Por exemplo, a palavra “ataque” geralmente dá acesso a um sentido literal, envolvendo uma atividade física em que um agente tem a intenção de ferir outro. Mas em “ele atacou meu argumento”, rapidamente e sem considerável esforço, compreendemos o sentido metafórico da sentença. Para a TMC, as metáforas são processadas através de mapeamentos entre domínios conceptuais fixos, inconscientes e automáticos (LAKOFF, 1999; LAKOFF, 2008). Se as metáforas são uma questão de mapeamentos, é necessário delimitar quais componentes de um conceito são mapeados em outro, como esses mapeamentos são adquiridos, e como são acessados durante o processamento da linguagem (não cabe no escopo deste artigo apresentar todos esses problemas).

Para Lakoff (2008), as metáforas conceptuais são formadas por estruturas conceptuais e mapeamentos entre domínios e envolvem:

(i) metáforas primárias: que são mapeamentos entre dois domínios experienciais mais básicos (e.g., sensorio-motores), adquiridos através da correlação entre experiências (e.g. AFETO É CALOR: “Maria é uma pessoa calorosa”).

(ii) frames culturais (ou conhecimentos literais baseados em frames comuns): frames são estruturas conceptuais formadas por gestalts e relações entre participantes e elementos. Ver Lakoff (2008, p. 25 para mais detalhes).

Os termos “domínios” semânticos, “frames”, “esquemas”, “modelos cognitivos idealizados” remetem a tipos de organização do nosso conhecimento conceptual. Todos já foram associados a TMC em algum momento, a depender de diferentes autores e diferentes momentos históricos (cf. FELDMAN, 2006; DANCYGIER; SWEETSER, 2014; LAKOFF, 1992; LAKOFF, 2008, etc.). Sem entrar em discussões sobre a terminologia, é importante entender que, para a TMC, (i) as metáforas são mapeamentos unidirecionais entre dois domínios conceptuais; (ii) metáforas conceptuais fazem parte do nosso inconsciente cognitivo; (iii) processar metáforas convencionais não é cognitivamente dispendioso porque há sistemas fixos responsáveis por processar essas metáforas automaticamente; (iv) esses sistemas responsáveis por processar metáforas licenciam e são acessados por expressões linguísticas distintas (e.g., “ele atacou meu argumento”, “ela defendeu seu argumento”, “eu venci o argumento”, etc. são processados pelo sistema de metáforas conceptuais reconhecido pela mnemônica DISCUSSÃO É GUERRA)⁵.

Metáforas conceptuais são mapeamentos entre domínios de experiências, ou entre duas estruturas de conhecimento, e fazem parte do sistema conceptual humano, ou seja, da memória semântica relacionada ao que sabemos sobre o mundo. Ao enfatizar o caráter conceptual das metáforas, a TMC afirma que diversas expressões metafóricas semanticamente similares (ver exemplos no item iv acima) compartilham um mesmo sistema de mapeamentos. Sendo assim, a semelhança semântica entre as expressões metafóricas (e.g., atacar, defender, planejar e vencer argumentos não seria uma coincidência: na verdade, tais expressões revelam estruturas conceptuais consistentes. Isto é, nosso conhecimento sobre guerras tem uma estrutura experiencial, que inclui conhecimentos de que há um planejamento inicial da guerra, há ataques, seguidos por defesas, e como resultado, podemos ganhar ou perder a guerra (note que não podemos ganhar ou perder uma guerra – resultados finais – antes de passarmos pelo início da guerra e pelo seu desenvolvimento, em que os ataques e defesas ocorrem). Essa ordem de eventos e sua estrutura geral (ou *gestalt*) é mapeada ao nosso conhecimento sobre discussão. Da mesma forma, não podemos ganhar ou perder uma discussão sem que passemos por seus estágios convencionais de início e desenvolvimento, em que discutimos (ou

⁵ Outras propostas da teoria serão apresentadas nas seções seguintes deste artigo.

“enfrentamos”), criticamos (ou “atacamos”) nosso interlocutor (ou “oponente”) da discussão (ou “guerra”). Mais do que uma questão linguística, metáforas são, para Lakoff e Johnson (1980), uma questão conceptual, ou uma questão de pensamento.

O foco de Lakoff e Johnson em revelar nosso sistema conceptual (ou nossa estrutura mental de conhecimentos) metafórico, que seriam estruturas fixas acessadas automaticamente, coloca-se em contraste com trabalhos da psicologia cognitiva que buscam explicações algorítmicas para o processamento de metáforas. Por exemplo, para Gentner (1983), as metáforas são processadas por analogias, ou seja, por alinhamento de estruturas e mapeamentos produzidos no momento (em vez de acessados), em que estruturas hierárquicas de conhecimentos relacionais são mapeados por compartilharem relações análogas. E, para Glucksberg (2003), metáforas são processadas por categorização, uma proposta que enfatiza atributos compartilhados pelos domínios fontes e alvo, em vez de estruturas conceptuais.

Do ponto de vista experimental, ainda que a TMC – bem como outras teorias sobre metáforas – seja corroborada (cf. Gibbs, 2017), há alguns desafios a serem enfrentados. Por exemplo, uma das maiores previsões da TMC, como já dissemos, é a de que as metáforas conceptuais convencionais não são processadas de maneira local e algorítmica, mas que mapeamentos fixos são acessados automaticamente quando nos deparamos com metáforas (LAKOFF, 1993). No entanto, cada vez mais, a psicolinguística vem demonstrando que previsões categóricas como essa não são condizentes com a sensibilidade contextual dos fenômenos cognitivos (BARSALOU, 2019). Não é por acaso que há evidências consistentes com previsões de teorias diferentes e não é por acaso que testes que confirmam a TMC em um tipo de tarefa off-line (NAYAK; GIBBS, 1990) não a favoreçam em uma tarefa online (GLUCKSBERG et al., 1993) – ainda que contenham exatamente os mesmos textos metafóricos. Há aí uma sensibilidade contextual.

Para lidar com o problema da sensibilidade contextual, a teoria dinâmica propõe que as metáforas conceptuais não são acessadas “em bloco”; são acessadas probabilisticamente. Isto é, a mente se auto-organiza a partir de experiências em diferentes escalas de tempo, o que afeta o processamento das metáforas (cf. GIBBS, 2019, 2017). De forma idealizada e simplificada, poderíamos dizer que o processamento de uma metáfora (e o quanto de sua estrutura conceptual é acessada) depende, ao mesmo tempo, do nível de interesse da pessoa que está processando a metáfora, do tipo de informação que essa pessoa acessou previamente dias ou segundos antes do processamento da metáfora (ou

seja, das estruturas de conhecimentos que já estão na sua memória recente), da familiaridade com a metáfora, e de outros fatores individuais. De acordo com essa teoria, cada evento é uma combinação única de fatores.

A questão referente a quando e como as metáforas são acessadas também foi trazida à tona recentemente por Steen (2008, 2017a, 2017b), com a Teoria da Metáfora Deliberada (TMD). O autor propôs uma distinção binária entre metáforas deliberadas, que são “usadas como metáforas” e recrutam metáforas conceptuais; e as não deliberadas, que são metáforas usadas de forma inconsciente e são processadas através de mecanismos superficiais (e.g., desambiguação lexical), não recrutando metáforas conceptuais. Essa proposta foi criticada por Gibbs (2011a, 2011b, 2017; GIBBS; CHEN, 2017). Enquanto a proposta de Steen faz sentido por enfatizar os aspectos mais conscientes do processamento metafórico, a distinção binária entre metáforas deliberadas e não deliberadas e o pressuposto de que ora as metáforas conceptuais são totalmente acessadas, ora não, são inconsistentes com a visão de gradação trazida pela teoria dinâmica. Mais uma vez, o problema com a TMD não seria enfatizar os processos chamados “deliberados” ou mais conscientes, mas sugerir que o fator chamado “deliberação” pode distinguir binariamente dois tipos de processamentos metafóricos, quando, ao que tudo indica, qualquer processamento é fruto de múltiplos fatores probabilísticos, portanto, a própria deliberação seria um fenômeno também gradual.

1.1 Conceitos abstratos não são majoritariamente metafóricos

Para entendermos a propostas da TMC de que os conceitos abstratos seriam metafóricos, é necessário entender que os conceitos abstratos sempre foram considerados um desafio para diversas teorias (BARSALOU, 2012). Mesmo as teorias que consideravam que conceitos concretos eram ancorados em experiências sensório-motoras, acabavam propondo que os conceitos abstratos não poderiam ser pautados em experiências: seriam de uma natureza puramente simbólica (PAIVIO, 1971). O surgimento da TMC se via então num impasse: se metáforas são mapeamentos entre domínios conceptuais, geralmente do domínio mais concreto ao mais abstrato, a teoria precisava dizer o que havia num conceito abstrato. Para resolver esse problema, a TMC propôs que as metáforas seriam projeções de conhecimentos de um domínio concreto para um domínio abstrato (LAKOFF, 1999). Mas simplesmente projetar conhecimentos não resolveria a questão de quais conhecimentos seriam projetados e por quê. Lakoff (2003, p.259) voltou

atrás neste ponto: “This is not at all like the old Projection Metaphor. [...] The learning of new metaphors therefore involves only the establishment of new neural connections and not the creation of copies of complex, inferential machinery⁶”.

Mas a discussão sobre o papel das metáforas em ancorar os conceitos abstratos se seguiram por muitos anos e ainda são discutidos (e.g. MITCHELL, 2020). Principalmente porque há uma ideia de que os conceitos abstratos possuem poucos componentes “corporificados” próprios (não interagimos diretamente com alguns deles). Desta forma, os domínios fontes mais concretos e familiares das metáforas poderiam ancorar os conceitos abstratos. Isto é, conceitos abstratos seriam majoritariamente metafóricos e seriam corporificados indiretamente através de metáforas.

A noção de que os conceitos abstratos seriam muito “pobres” sem as metáforas já foi criticada por vários pesquisadores (MURPHY, 1996; SAUCIUC, 2013; BUNDGAARD, 2013). Uma segunda hipótese sobre a relação dos conceitos abstratos com metáforas conceptuais já foi considerada: a de que os conceitos abstratos teriam pouca estrutura semântica (GALLESE; LAKOFF, 2005), constituída de alguns elementos semânticos que seriam mapeados formando metáforas - por exemplo, o conceito de amor teria os elementos AMANTES e RELACIONAMENTO, e não muito mais do que isso. Mas essa hipótese também já foi questionada. No final:

[...] it has been objected that not all abstract concepts can be explained by recurring to metaphorical mapping and that the mechanism of metaphorical mapping is not sufficient to account for the acquisition of abstract concepts. Thus, CMT, although quite influential, seems to provide only a partial solution to the problem of abstract concepts⁷ (CUCCIO; GALLESE, 2018).

Ao que parece, as metáforas conceptuais são parte dos nossos conceitos (tanto abstratos quanto concretos), mas esses conceitos já são ricos o suficiente sem as metáforas (cf. BUNDGAARD, 2019). Desta forma, há cada dia menos espaço para se manter a proposta de que conceitos abstratos são majoritariamente metafóricos. Na verdade, pesquisas interdisciplinares, incluindo neurocientíficas, reivindicam que conceitos abstratos são ricos, sendo constituído por experiências sensório-motoras, linguísticas,

⁶ Tradução nossa: “Esta definitivamente não é a velha projeção metafórica. O aprendizado de novas metáforas envolve apenas o estabelecimento de novas conexões neurais e não a criação de cópias de maquinaria inferencial, complexa”.

⁷ Tradução nossa: “Já foi feita a objeção de que nem todo conceito abstrato pode ser explicado recorrendo-se a mapeamentos metafóricos e que o mecanismo de mapeamento metafórico não é suficiente para explicar a aquisição de conceitos abstratos. Assim, a TMC, ainda que muito influente, parece oferecer apenas uma solução parcial para o problema dos conceitos abstratos”.

introspectivas, afetivas, etc. (DESAI et al., 2018; BORGHI et al., 2018; DAVIS et al., 2020). Aliás, seguindo as discussões atuais, a distinção entre conceitos abstratos e concretos também não é de tudo correta: conceitos abstratos apresentam características concretas, assim como conceitos concretos apresentam características abstratas (BARSALOU et al. 2018; BARSALOU, 2020). Desta forma, é possível dizer que ainda há alguma controvérsia sobre as relações entre metáforas conceptuais e conceitos abstratos, mas recentemente há tendências na literatura que consideram o papel do corpo de forma mais ampla, sendo que os conceitos abstratos parecem demonstrar uma ancoragem direta em experiências corporais (e.g., emocionais).

Com essa breve caracterização da evolução dos estudos sobre as relações entre metáforas conceptuais e conceitos abstratos pretendemos ressaltar o fato de que: (i) as propostas teóricas da TMC, principalmente as que não são muito acuradas, são condicionadas ao que se sabia no momento em que a teoria começou a se desenvolver; (ii) há recentes desdobramentos interdisciplinares sobre esse tema; (iii) o pressuposto de que os conceitos abstratos eram escassos em estrutura subjaz a outra proposta teórica controversa: a de que as metáforas determinam o pensamento e o comportamento humano. Esta é uma proposta fácil de entender no contexto de surgimento da TMC, pois o funcionamento do sistema conceptual era menos conhecido então (LAKOFF; JOHNSON, 1980). A falta de conhecimento sobre os conceitos abstratos também justifica – ainda que apenas indiretamente – o foco em propriedades exclusivamente semânticas (mapeamento entre domínios) das metáforas⁸. Nas próximas seções discutiremos como essas ideias estão se alterando em pesquisas atuais.

1.2 Metáforas não determinam o pensamento

Originalmente, a proposta de que as metáforas influenciavam o pensamento se deu porque Lakoff e Johnson (1980) afirmavam que cada cultura escolhia suas metáforas, e, essas, por conseguinte, poderiam determinar o pensamento. Isto também era consistente com a ideia de que, se nossos conceitos abstratos fossem formados por metáforas, como a teoria previa, então, essas metáforas determinariam a nossa realidade, e com isso, a forma como vemos o mundo e como agimos.

⁸ No estudo de metáforas, o foco em mapeamentos entre domínios também se dá porque a TMC é uma teoria que se pretende falseável. Na psicolinguística, há disputas centradas em entender como processamos metáforas (se por analogias, mapeamentos entre domínios fixos, categorização ad-hoc, etc). Sendo assim, a TMC deveria ser capaz de explicitar esses mapeamentos.

Since much of our social reality is understood in metaphorical terms, and since our conception of the physical world is partly metaphorical, metaphor plays a very significant role in *determining* what is real for us (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.147, *itálico nosso*)⁹.

Com o entendimento de que os conceitos abstratos não são majoritariamente formados por metáforas, mas representam experiências ricas e independentes das metáforas, a ideia de que as metáforas determinam o pensamento se torna pouco plausível. Nas palavras de Pinker (2006, s/p):

The upshot is that people can evaluate their metaphors. In everyday conversation they can call attention to them, such as the deconstruction of the "time is space" metaphor in the African American snap "Your mama's so dumb, she put a ruler on the side of the bed to see how long she slept." And in science, practitioners scrutinize and debate whether a given metaphor (heat as fluid, atom as solar system, gene as coded message) accurately captures the causal structure of the world, and if so, in which ways¹⁰ [...]

Superando a discussão de que as metáforas determinam o pensamento, a discussão mais recente sobre esse tema é se as metáforas enviesam o pensamento. Essa discussão se dá no âmbito de trabalhos psicolinguísticos (cf. LANDAU et al., 2018). E, ao que tudo indica, as metáforas podem enviesar o pensamento a depender da conjuntura, ou seja, a depender de como diversos fatores se combinam para que esse viés se realize. Os fatores estão relacionados ao tipo de metáfora, tipo de tarefa, função da metáfora no texto (ou, no mínimo, localização da metáfora no texto), conhecimento prévio das pessoas sobre o tema ao qual a metáfora remete (pouco conhecimento? Muito? Indeciso?), crenças prévias, etc. (conferir THIBODEAU et al., 2017; THIBODEAU et al., 2019; FLUSBERG et al., 2018; para resumo dos resultados de experimentos).

A título de exemplificação, metáforas influenciam o pensamento de pessoas, mas só quando elas não têm uma forte opinião formada sobre um assunto (THIBODEAU; BORODITSKY, 2011) – ainda assim, há questionamentos a se fazer sobre os

⁹ Tradução nossa: “Uma vez que grande parte de nossa realidade social é entendida em termos metafóricos, e uma vez que nossa concepção do mundo físico é parcialmente metafórica, a metáfora desempenha um papel muito significativo em determinar o que é real para nós”.

¹⁰ Tradução nossa: “O resultado é que as pessoas podem avaliar suas metáforas. Na conversa do dia-a-dia eles podem chamar a atenção para elas, como a desconstrução da metáfora "tempo é espaço" na piada afro-americana "Sua mãe é tão burra que colocou uma régua na lateral da cama para ver quanto tempo ela dormia." E, na ciência, os profissionais examinam e debatem se uma dada metáfora (calor como fluido, átomo como sistema solar, gene como mensagem codificada) captura com precisão a estrutura causal do mundo e, em caso afirmativo, de quais maneiras [...]"

experimentos (artigo em preparação). Em suma, as metáforas não determinam o pensamento, e, quando o influenciam, sua influência deve ser vista em função de vários fatores, desde o tipo de metáfora até o tipo de atividade realizada ao se deparar com uma metáfora. É justo dizer que há muitos anos os pesquisadores já não consideram que as metáforas determinam o pensamento, mas ainda há muitas disputas sobre exatamente qual é o impacto das metáforas nas vidas das pessoas em geral. Por exemplo, as metáforas de guerra influenciam em algum grau ou em algum contexto como as pessoas pensam sobre doenças? Se os experimentos mostram que sim, mas são limitados em validade ecológica, como calcular o potencial impacto das metáforas em situações reais, que são dinâmicas?

1.3 A representação e o processamento de metáforas não são fixos

A TMC é uma teoria que partia da observação de expressões linguísticas e da semelhança semântica entre elas para postular mapeamentos entre domínios fixos, que estariam instanciados na mente ou no cérebro. Ou seja, a constatação de que usamos expressões como “nosso relacionamento não vai a lugar nenhum”, “estamos numa encruzilhada”, “chegamos a um beco sem saída” levava os teóricos da TMC a postular que haveria um sistema único, responsável por representar e processar todas essas metáforas que possuem semelhança semântica/conceptual. Esse sistema incluiria mapeamentos entre domínios mais gerais como AMANTES SÃO VIAJANTES, RELACIONAMENTO É UM VEÍCULO, DIFICULDADES SÃO OBSTÁCULOS, PROPÓSITOS SÃO DESTINOS, etc (cf. LAKOFF, 2008). Ou seja, as expressões linguísticas instanciarium uma metáfora conceptual (na mente) reconhecida pela mnemônica AMOR É UMA JORNADA.

Desta forma, os mapeamentos fixos (i.e., representações) eram propostos pelos linguistas. Além disso, outra proposta muito disputada é a de que o processamento das expressões linguísticas levaria ao acesso desses mapeamentos de maneira automática e inconsciente (sendo assim, as metáforas convencionais não estariam “mortas”): “Each conventional metaphor, that is, each mapping instance, is a fixed pattern of correspondences across conceptual domains”¹¹ (FELDMAN, 2006, p. 209).

A ideia de que a representação e o processamento de metáforas conceptuais são fixos vem sendo questionada por diversos autores que trabalham no campo teórico dos sistemas dinâmicos (cf. GIBBS, 2017; CAMERON; MASLEN., 2010). Na verdade, a ideia

11 Tradução nossa: “Cada metáfora convencional, ou seja, cada instância de mapeamento, é um padrão fixo de correspondências entre domínios conceituais”.

de uma representação fixa sempre foi problemática, porque os pesquisadores não sabiam qual seria o nível certo de abstração das metáforas. Por exemplo, metáforas como “ela lutou contra o câncer”, “ele venceu o câncer”, “ela deu um tapa no câncer” seriam todas instâncias da mesma metáfora conceitual? Qual seria essa metáfora: CÂNCER É GUERRA? LUTA? COMBATE? VIOLÊNCIA? (cf. SEMINO et al., 2016; KÖVECSES, 2008). Atualmente, Gibbs considera que:

The generality at which implicit metaphors can be identified, and the family of metaphors to which a particular expression belongs, may therefore be indeterminate. Different individuals may interpret the same expression according to different implicit metaphors and derive different entailment. This possibility does not imply that conceptual metaphor theory (CMT) is circular or untestable. Nonetheless, there may not always be singular correspondences between specific verbal metaphors and particular underlying conceptual metaphors¹² (GIBBS, 2017, p.115).

Os mapeamentos entre domínios das metáforas são estabelecidos através das experiências das pessoas, que são caracterizadas por múltiplos fatores e exibem graus de diferenças, portanto diferenças em representações e processamento^{13, 14}. Littlemore (2019), em *Metaphors in the Mind*, aborda algumas fontes de diferenças entre metáforas. Essas diferenças podem se dar em vários níveis. Por exemplo, Semino et al. (2016) relatam como as experiências que as pessoas têm com “luta” ou “exército” (i.e. algumas gostam de lutas e temáticas militares) fazem com que essas pessoas gostem e se beneficiem de metáforas de guerra (ou seja, a metáfora pode ter uma valência positiva para algumas pessoas). Por

¹² Tradução nossa: “A generalidade em que as metáforas implícitas podem ser identificadas, e a família de metáforas à qual uma determinada expressão pertence, podem, portanto, ser indeterminadas. Diferentes indivíduos podem interpretar a mesma expressão de acordo com diferentes metáforas implícitas e derivar diferentes implicações. Essa possibilidade não implica que a teoria da metáfora conceitual (CMT) seja circular ou não testável. No entanto, nem sempre pode haver correspondências singulares entre metáforas verbais específicas e metáforas conceituais subjacentes particulares.”

¹³ É importante entender que todas as teorias no campo da Linguística Cognitiva sempre postularam que o sistema conceitual teria origem nas experiências. A diferença entre as teorias está em como essas experiências se relacionam com as metáforas. Lakoff, por exemplo, admite que certas pessoas podem não adquirir certas metáforas conceituais, pois não fizeram parte de uma cultura ou por qualquer eventual motivo (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 2014). Porém, se uma pessoa possui esse sistema conceitual, ele será fixo e responsável por processar certas metáforas. Essa proposta não é totalmente equivocada e foi justamente por meio dessas formulações que conseguimos tantas evidências empíricas para a TMC (GIBBS, 2017). O que muda com uma perspectiva dinâmica é que nada é fixo na mente: a mente pode ter aspectos mais estáveis e menos estáveis. Toda experiência pode alterar minimamente nossos conceitos. Além disso, porque a mente está sempre “em fluxo”, não há momentos completamente estáveis. Por fim, é importante notar que para teorias dinâmicas, o processamento quase nunca é discreto, ou seja, quase nunca envolve mapeamentos totais entre domínios.

¹⁴ É importante considerar que: [...] many cognitive scientists now contend that the complexity of human behavior requires that different kinds of representations be used to handle the diversity of cognitive experience. Thus, people's varied abilities, from perception and motor control to language and problem-solving, may not all rest on the same representational base (e.g., featural representations, structured representations, mental models, image-schematic representations) (GIBBS, 2001, p.353).

outro lado, outras pessoas, cujas experiências com esses domínios são negativas, podem não gostar das mesmas metáforas.

Admitindo que as metáforas são de fato baseadas em experiências diversas e que sua representação não é uma abstração fixa (i.e. esquemas, MCIs, etc), Gibbs (2019, p. 43) afirma que:

Each experience of the most basic metaphors, for instance, such as LIFE IS A JOURNEY, KNOWING IS SEEING, or AFFECTION IS SEEING may differ in many, often incredibly subtle, ways given our particular bodies, histories, present motivations, and the particular ecologies we inhabit at any moment in time¹⁵.

Sendo assim, as abstrações teóricas da TMC, como os mapeamentos, não consistem em propostas ontológicas. De acordo com teorias dinâmicas, metáforas (e conceitos em geral) não são eventos discretos, mas são ações distribuídas em cérebros, corpos e ambientes (cf. SPIVEY, 2006; GIBBS, 2019). Gibbs (2019, p. 34) afirma que “Metaphor performance is part of a self-organizing dynamical system in which goal-directed behaviors are shaped by various interacting constraints” (GIBBS, 2012, 2017, 2019; GIBBS; SANTA CRUZ, 2012).

É importante notar que “dinâmico”, nesta teoria, não significa sujeito a ser processado em diferentes níveis (diferentes graus de abstração), como Kövecses¹⁶ (2015, 2017) propõe. Dinâmico não significa apenas que os fatores cognitivos, contextuais, sociais e interacionais afetam o processamento de forma *online* (e.g. negociações de sentidos). Significa também que a memória sobre a metáfora não é simbólica, não se constitui por esquemas fixos tradicionais da linguística cognitiva.

Análises dinâmicas consideram múltiplos fatores que contribuem para o comportamento. Além disso, como consideram que os estados mentais não são sempre discretos, ao analisar uma metáfora em uso, é possível que uma metáfora conceptual esteja sendo acessada probabilisticamente (parcialmente) (cf. GIBBS, 2017), o que inclui a possibilidade de acesso zero. Um fenômeno que é pouco discutido por linguistas, já que geralmente pressupomos que as metáforas em uso – em discursos – são efetivamente realizações de metáforas conceptuais, como proposto por Lakoff.

¹⁵ Tradução nossa: “Cada experiência com as metáforas mais básicas, por exemplo, como VIDA É UMA VIAGEM, SABER É VER ou AFEIÇÃO É VER pode ser diferente de muitas maneiras, muitas vezes incrivelmente sutis, dados nossos corpos particulares, histórias, motivações presentes e as ecologias particulares que nós habitamos a qualquer momento no tempo”.

¹⁶ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=YI763AqcT8g&t=4723s>, acesso em 15 set, 2020.

Nos próximos parágrafos, apresentaremos um uso metafórico e discutiremos suas possíveis análises, considerando a TMC e a possibilidade de não acesso de uma metáfora conceptual. Essa análise se distingue das análises que geralmente são feitas na linguística cognitiva, pois classicamente (como foi discutido neste artigo) qualquer uso de uma metáfora conceptual pressuporia o acesso automático e inconsciente a um sistema de metáforas conceptuais. O problema em pressupor que as metáforas conceptuais são sempre acessadas quando uma expressão metaforicamente consistente é usada é ignorar que há outras representações e outros recursos cognitivos possíveis de serem usados durante o processamento de metáforas (e.g., GLUCKSBERG, 1998; GENTNER, 1983).

1.3.1 Uma análise possível

A expressão “base” costuma ser vinculada à metáfora conceptual (a) TEORIAS/IDEIAS SÃO CONSTRUÇÕES. A base sustenta a construção, a base está embaixo da construção. Em um comentário político num canal do youtube¹⁷, o comentarista afirma que o trabalho ideológico no governo Bolsonaro não é secundário: “é a base essencial para todo o resto”. Ao ouvir essa fala, poderíamos supor que a velha metáfora conceptual presente em (a) está sendo ativada, a não ser por um detalhe: o comentarista gesticula indicando a base no “topo”, seus gestos procedem “para baixo” desenhando um esquema piramidal que leva a pontos específicos (i.e. integrantes do governo), enquanto ele diz “todo o resto”. O resto, que depende da base, está abaixo da base. No topo, i.e. base, está o trabalho ideológico, que permite que os integrantes do governo (e.g. Guedes, Damares, etc.) atuem. Todos os integrantes do governo Bolsonaro precisam da legitimação “em cima aqui”.

Uma possível análise é que a base nesse discurso se encontra “em cima” porque representa o discurso ideológico do Bolsonaro, que, por ser o presidente, está em cima – considerando-se a metáfora conceptual (b) IMPORTÂNCIA É PARA CIMA –, ou, simplesmente, pode não haver qualquer ativação de metáfora conceptual, nem (a) nem (b). Outra análise possível é que o comentarista tenha ativado um sentido lexical (STEEN, 2017) para “base”, algo como “ponto de sustentação” e que seus gestos não tenham nenhuma relação com a metáfora, mas indiquem apenas um desenho que ele já tenha feito anteriormente. Ou, ainda, a base que o comentarista desenha no ar, ou seja, no topo de seu

¹⁷ Ver a partir do minuto 15, em:

https://www.youtube.com/watch?v=_ycuqhRg8kg&feature=youtu.be&fbclid=IwAR1oza-GYI5i7Pq01YL6faEGp9odlweztyXi4rhC79tA7ao_phumRq4xEVw, acesso em 14 set, 2020.

esquema, é de fato uma base que nada tem a ver com a base de uma construção (ou seja, trata-se do uso da mesma palavra “base”, mas não evoca a metáfora conceptual correspondente).

De todo modo, o fato de que o uso do termo “base” coocorre com um gesto aparentemente esquemático inconsistente com a metáfora conceptual nos diz que o processamento da metáfora não interfere com a execução de uma tarefa inconsistente com a metáfora (i.e. gesticulação de outro esquema concomitante)¹⁸. Isso pode sugerir que o processamento da metáfora não foi feito da forma como é previsto na teoria (cf. VERVAEKE; KENNEDY, 1996).

Este tipo de análise em que discutimos amplas possibilidades consistentes não com a teoria, mas com o estado da arte de conhecimentos sobre cognição, é um exercício que ressalta que a cognição é auto-organizada de forma específica, situada, e não genérica. Ainda assim, alguns padrões – que são descobertos em experimentos e outras análises linguísticas – são informativos o suficiente para entendermos que as análises são possíveis; porém, as evidências para a TMC não esgotam a complexidade do fenômeno metafórico. De acordo com a teoria dinâmica (GIBBS, 2019), os experimentos e estudos linguísticos geralmente apontam para “bacias de atratores”, ou pontos aos quais a cognição tende a convergir diante de certas condições. Isso é relevante de se ter em conta para entendermos que ao fazer análises, não podemos ler a mente das pessoas, a não ser “probabilisticamente”.

Há autores como Gibbs (2017) e Svanlund (2007) que consideram que “Conceptual metaphors should probably be seen as cognitive tendencies, rather than systematic and coherent structures that fully govern the semantics of a group of lexical items”. Não apenas as metáforas conceptuais podem ser entendidas como tendências cognitivas, como também não podemos ignorar a ampla gama de teorias (que possuem evidências empíricas) que

¹⁸ Há vários trabalhos na psicolinguística que reportam interferência ao processar estímulos metaforicamente incongruentes (cf. VALENZUELA, 2009). Por exemplo, identificar palavras semanticamente positivas na parte inferior da tela do computador é mais custoso do que identificar a mesma palavra numa posição superior da tela, de forma consistente com a metáfora BOM É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO (cf. MAYER; ROBSON, 2004). Porém, como pressuposto por teorias dinâmicas, esse efeito não deve ser esperado em todas as situações, pois pode depender de vários fatores (e.g. tarefa executada). Nosso exemplo de gesto metafórico incongruente não aponta simplesmente para a possível ausência desse efeito na produção da linguagem, mas para a possibilidade de que o próprio conceito de BASE, evocado pelo enunciador, seja algo não contemplado pela TMC. Isso é relevante pelo seguinte: quando fazermos análises linguísticas e vemos a palavra “base” imediatamente inferimos uma metáfora conceptual. Porém, não podemos saber o que há na mente de um indivíduo quando ele diz, em contextos metafóricos, “base”, “sólido”, “ataque”, etc. Sabemos que há uma razoável probabilidade de ser um conceito motivado por uma metáfora conceptual, mas, especialmente porque alguns termos associados a metáforas conceptuais podem evocar diferentes *frames*, não podemos ter certeza sobre nossas análises.

sugerem que as metáforas podem ser processadas de outras maneiras inconsistentes com a TMC (cf. HOLYOAK; STAMENKOVIĆ, 2018). Sendo assim, é preciso ficar atento a propostas fortes em relação à TMC, especialmente ao se fazer análises de discursos individuais, já que desconhecemos todos os fatores que levam aos usos específicos das metáforas.

Isso nos leva a uma outra questão: há na literatura várias queixas sobre certos usos de metáforas, além de sugestões para substituição de uma metáfora por outra (e.g. LANE et al., 2013; BEHUNIAK, 2011; GEORGE; WHITEHOUSE, 2014; NGATCHA-RIBERT, 2004; SIMAN, 2019). Por exemplo, frequentemente condenam-se as metáforas de guerra, principalmente usadas nos discursos sobre doenças. Esse tipo de discussão se dá num contexto genérico (e.g., a condenação genérica de “metáforas de guerra”), mas os usos são contextuais, e carregam uma série de informações que não podem ser ignoradas em função de padrões semânticos genéricos que, possivelmente, não capturam muito bem os usos, como veremos na próxima seção.

1.4 Metáforas são mais do que mapeamentos entre domínios

A TMC tem como foco mapeamentos entre domínios fixos. Esses domínios são semânticos, ou seja, são: (i) representações de conhecimentos corporificados, baseados em experiências primárias (GRADY, 1997), como a coocorrência entre afeto e calor, que origina a metáfora primária AFETO É CALOR¹⁹; (ii) representações de conhecimentos culturais, como a expectativa social de que relacionamentos amorosos tenham “etapas” (e.g., namorar, noivar, casar, ter filhos, etc.) é mapeada no conhecimento estruturado de jornadas, que têm início, meio e fim (e.g., marcos quilométricos). Segundo a TMC, esses mapeamentos fixos também geram inferências fixas.

Trabalhos centrados em semântica, como a TMC, geram um problema de ordem prática: a ideia de que podemos condenar uma metáfora a partir de uma análise semântica. Por exemplo, a metáfora “João perdeu a sua luta contra o câncer” é condenada por pessoas (acadêmicos ou não) que acham que essa metáfora é negativa porque implicitamente associa a pessoa que tem câncer a um perdedor: nem todos as pessoas que têm câncer querem lutar, nem todas querem ouvir essa metáfora e sentir que estão perdendo uma luta,

¹⁹ É importante apontar que pode-se considerar que certas metáforas primárias, como AFETO É CALOR, sejam metonímias, porque trata-se de mapeamentos dentro de um mesmo domínio, i.e. uma experiência afetiva ocorre ao passo que alterações térmicas são percebidas no corpo.

que estão fracassando (SEMINO et al., 2016). Muitas publicações aconselham as pessoas a pararem de usar metáforas de guerra ao falar sobre o câncer (cf. FLUSBERG et al., 2018).

Como afirmamos anteriormente, esse tipo de análise é centrado na semântica. No entanto, a linguagem em uso carrega consigo associações que vão além da semântica: associações comunicativas, discursivas, interacionais. Um exemplo disso é o seguinte:

- 1) “Irene é um furacão”. (Considere que Irene, neste caso, tem 9 anos).
- 2) “Irene é um furacão”. (Considere que Irene, neste caso, tem 19 anos).

Se imaginarmos que a motivação semântica para essas metáforas é o mapeamento entre o comportamento da pessoa e seu forte (ou catastrófico) impacto nos arredores e o comportamento de um furacão e seu forte (ou catastrófico) impacto nos arredores, seria plausível supor que ambas metáforas afirmam que as pessoas em questão (Irene 1 e 2) são devastadoras. Porém, sabemos que há mais camadas de sentido nessas metáforas, baseada em seus contextos de uso recorrentes (i.e. *neurons that fire together wire together*)²⁰: a primeira metáfora diz respeito ao efeito devastador de Irene sobre objetos: Irene é bagunceira (entre outros sentidos possíveis) - esse sentido não analógico pode estar disponível cognitivamente, como demonstra Glucksberg et al. (2001). A segunda metáfora diz respeito ao efeito devastador de Irene sobre homens, ou sobre as pessoas em geral: Irene é sedutora (entre outros sentidos). Não é absolutamente certo que todas as pessoas compreendam esse par de metáforas de maneira similar à apresentada aqui. Afinal, conceitos e metáforas são fundamentalmente baseados em experiências pessoais, o que torna difícil fazer generalizações absolutas (para além de tendências cognitivas). Num questionário²¹, perguntamos a participantes sobre as situações nas quais eles usariam a metáfora “Irene é um furacão”. Algumas respostas foram:

- a) Descontentamento com comportamento impertinente.
- b) Na descrição de uma pessoa com relação a desordem (desorganização) ou em sentido vulgar.
- c) Quando algo ou alguém tem um efeito destruidor mesmo que sem intenção ou sem maldade.

²⁰ A análise feita neste trecho não foi testada (ainda), mas é plausível pelo princípio hebbiano que pode ser sumarizado como “neurons that fire together wire together” - ou: “Neurônios que disparam juntos formam conexões” (cf. LAKOFF, 2008).

²¹ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE 89298818.0.0000.8142). Os dados estão em fase de análise e ficarão disponíveis online (de forma anônima) ao final da pesquisa. Os dados coletados por questionários online, e foram minimamente corrigidos, retirando-se erros de digitação e ortografia.

- d) A metáfora pode ser utilizada, por exemplo, para destacar a rapidez com que realiza seus serviços no ambiente de trabalho.
- e) Quando uma mulher conquista e impressiona os homens em geral, de forma avassaladora, ela é considerada um furacão.
- f) Pode ser interpretada com um cunho mais sexual, uma pessoa com muito "apetite" na cama. Mas acredito já ter ouvido para denominar uma criança bagunceira.
- g) Ao ver uma pessoa muito ativa e incansável.
- h) No churrasco, Irene bebeu, brigou com todos os seus amigos, depois se arrependeu, chorou, se desculpou, bebeu mais e saiu cantando e gritando. Irene é um furacão, toda festa é assim.
- i) Sem tranquilidade, sem leveza, sem cuidados.
- j) Quando algo ou alguém é muito bonita ou chama muita atenção.
- k) Ao se referir a uma pessoa que afeta o comportamento e bem-estar alheio.
- l) Acabou com a concorrência como um furacão.

Os dados acima demonstram uma diversidade de usos possíveis para a metáfora do “furacão”. Entre esses usos, há avaliações positivas e negativas. Há usos que enfatizam rapidez, beleza, eficiência, destruição, etc. Há menções não só aos atributos de Irene em analogia a um furacão, mas também a posição do falante na situação descrita: a metáfora do furacão é usada quando o falante está descontente com um comportamento impertinente. Todos esses fatores, ainda que não formem respostas padronizadas – o que pode estar relacionado ao método de coleta de dados – sugere que entender o significado das metáforas de forma situada envolve não apenas um conhecimento das estruturas conceptuais (semânticas), mas também padrões recorrentes ligados ao falante e seus sentimentos e intenções, às relações e avaliações que o falante tem ou faz com seu interlocutor, etc. (ver BARSALOU, 2020, para um modelo cognitivo situado).

Ao analisar o criticado uso de metáforas de guerra, como “João perdeu a sua luta contra o câncer”, temos que considerar seu sentido para além de padrões e inferências conceptuais. Geralmente, o uso dessa metáfora pode não sugerir qualquer implicação de que João é um perdedor. Pode sugerir apenas que João passou por dificuldades e morreu. Tal metáfora é, geralmente, usada em tom de pesar, sem nenhuma ênfase no papel de “perdedor”, que, por associação semântica está subjacente: não há nenhum tom de reprovação da parte do enunciador. Da parte da pessoa com câncer, esta pode se sentir mal com a metáfora devido às suas próprias experiências e às expectativas sociais que ela internalizou, mas isso não é universal (outros pacientes podem gostar ou serem indiferentes a essa mesma metáfora).

Considerar as metáforas para além dos mapeamentos entre domínios, incluindo padrões comunicativos ou seus sentidos contextuais nos levam além de análises semânticas. Isso nos compele a considerar que as metáforas têm dois lados: a expressão de um ponto de vista, de um pensamento, e a recepção desta ideia: e os dois lados não se espelham, necessariamente. Desta forma, precisamos de discussões mais maduras sobre as metáforas em uso em contextos sensíveis.

A falta de uma teorização que vá além da semântica é discutida por Stampolidis et al. (2019) – há várias propostas avançadas sobre o assunto, mas ainda há muitas questões a serem discutidas e investigadas, como as que apontamos aqui. Bolonhesi e Vernillo (2019), em consonância com Steen (2008, 2017), também discutem como uma análise semântica – considerando apenas mapeamentos entre domínios, é insuficiente para explicar o sentido de metáforas.

Considerações Finais

A Teoria da Metáfora Conceptual é uma das teorias mais influentes no campo de estudos das metáforas. Sua importância se deve não só ao fato de a teoria ter mudado o lócus da metáfora da linguagem para a cognição, mas também ao fato de avançar propostas sobre vários aspectos da cognição, da linguagem, do pensamento e do comportamento humano. Ainda assim, a TMC enfrenta alguns desafios, que foram discutidos neste artigo, em consonância com recentes descobertas (e.g. DESAI et al., 2018; BORGHI et al., 2018; DAVIS et al., 2020) e discussões teóricas (GIBBS, 2017, 2019; BARSALOU, 2020).

Neste artigo, enfatizamos o caráter dinâmico das metáforas – não apenas por serem contextuais –, o que traz a visão de que metáforas conceptuais são vieses cognitivos, em vez de estruturas fixas e coerentes semanticamente (GIBBS, 2017; SVANLUND, 2007). Além disso, chamamos atenção para os problemas de fazermos análises exclusivamente semânticas sobre as metáforas, sem considerar outros componentes relevantes para o estabelecimento do seu sentido, como os componentes comunicativos. Por fim, ressaltamos que, segundo os modelos dinâmicos (GIBBS, 2019; BARSALOU, 2020; SPIVEY, 2006), as análises sobre metáforas ou comportamentos em geral devem ser probabilísticas, uma proposta inconsistente com as teorias propostas por Kövecses (2017), Steen (2017) e Fauconnier e Turner (2008). A teoria dinâmica é especial por pressupor algo muito caro às Ciências Humanas: nós não podemos afirmar conhecer o sentido de cada uso linguístico específico, a não ser probabilisticamente. Partindo desta

proposta, devemos procurar argumentos bem fundamentados para justificar as afirmações que fazemos em pesquisas, principalmente se isso tem o potencial de repercutir na sociedade.

Referências

BARSALOU, L. W. Challenges and Opportunities for Grounding Cognition. *Journal of Cognition* (in press), 2020.

BARSALOU, L. W. Establishing Generalizable Mechanisms. *Psychological Inquiry*, vol. 30, n. 4, p. 220-230, 2019.

BARSALOU, L. W.; DUTRIAX, L.; SCHEEPERS, C. Moving beyond the distinction between concrete and abstract concepts. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, vol. 373, n. 1752, 2018.

BEHUNIAK, S. M. The living dead? The construction of people with Alzheimer's disease as zombies. *Ageing & Society*, vol. 31, n. 1, p. 70-92, 2011.

BOLOGNESI, M.; VERNILLO, P. How abstract concepts emerge from metaphorical images: The metonymic way. *Language & Communication*, 69, p.26-41, 2019.

BORGHI, A. M. et al. Varieties of abstract concepts: development, use and representation in the brain. *Philosophical Transactions of the Royal Society*, vol. 373, n. 1752, p. 1-7, 2018. <http://dx.doi.org/10.1098/rstb.2017.0121>

BOWDLE, B. F.; GENTNER, D. The career of metaphor. *Psychological review*, vol. 112, n. 1, p. 193, 2005.

BUNDGAARD, P. F. Are cross-domain mappings psychologically deep, but conceptually shallow? What is still left to test for conceptual metaphor theory. *Cognitive Semiotics*, vol. 5, n. 1-2, p. 400-407, 2013.

CAMERON, L.; MASLEN, R. *Metaphor analysis*. London: Equinox, 2010.

CUCCIO, V.; GALLESE, V. A Peircean account of concepts: grounding abstraction in phylogeny through a comparative neuroscientific perspective. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, vol. 373, n. 1752, 2018.

DAVIS, C. P.; ALTMANN, G. T. M; YEE, E. Situational systematicity: A role for schema in understanding the differences between abstract and concrete concepts. *Cognitive Neuropsychology*, p. 1-12, 2020.

DESAI, R. H.; REILLY, M.; VAN DAM, W. The multifaceted abstract brain. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, vol. 373, n. 1752, p. 1-19, 2018.

- FELDMAN, J. From molecule to metaphor: A neural theory of language. MIT press, 2008.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. NY: Basic Books, 2008.
- FLUSBERG, S. J.; MATLOCK, T.; THIBODEAU, P. H. War metaphors in public discourse. *Metaphor and Symbol*, vol. 33, n. 1, p. 1-18, 2018.
- GALLESE, V.; LAKOFF, G. The brain's concepts: The role of the sensory-motor system in conceptual knowledge. *Cognitive neuropsychology*, vol. 22, n. 3-4, p. 455-479, 2005.
- GEORGE, D. R.; WHITEHOUSE, P. J. The war (on terror) on Alzheimer's. *Dementia*, vol. 13, n. 1, p. 120-130, 2014.
- GENTNER, D. Structure-mapping: A theoretical framework for analogy. *Cognitive science*, vol. 7, n. 2, p. 155-170, 1983.
- GIBBS-JR, R. W. Metaphor as dynamical–ecological performance. *Metaphor and Symbol*, vol. 34, n. 1, p. 33-44, 2019.
- GIBBS-JR, R. W. *Metaphor wars: Conceptual Metaphors in Human Life*. NY: Cambridge University Press, 2017.
- GIBBS, R.; CHEN, E. Taking metaphor studies back to the Stone Age: A reply to Xu, Zhang, and Wu (2016). *Intercultural Pragmatics*. vol. 14, n. 1, 2017.
- GIBBS-JR, R. Metaphors, snowflakes, and termite nests: How nature creates such beautiful things. In F. MacArthur, J.-L. Oncins-Martinez, A. Piquer-Piriz, & M. Sancez-Garcia (Eds.), *Metaphor in use: Culture, context, and communication* (p. 347–372). Amsterdam: Benjamins. 2012.
- GIBBS-JR, R.; SANTA CRUZ, M. Temporal unfolding of conceptual metaphoric experience. *Metaphor and Symbol*, vol. 27, p. 299–311, 2012. doi:10.1080/10926488.2012.716299
- GIBBS-JR, R. W. Evaluating conceptual metaphor theory. *Discourse processes*, v. 48, n. 8, p. 529-562, 2011.
- GIBBS, R. Are deliberate metaphors really deliberate? A question of human consciousness and action. *Metaphor and the Social World*. vol.1, p. 26-52, 2011a.
- GIBBS, R. Advancing the debate on deliberate metaphor. *Metaphor and the Social World*, vol. 1, p. 67-69, 2011b.
- GIBBS JR, R. W. Making good psychology out of blending theory. *Cognitive linguistics*, 2000.

- GLUCKSBERG, S. et al. Understanding figurative language: *From metaphor to idioms*. Oxford University Press on Demand, 2001.
- GRADY, J. Foundations of meaning: *Primary metaphors and primary scenes*. 1997.
- HOLYOAK, K. J.; STAMENKOVIĆ, D. Metaphor comprehension: A critical review of theories and evidence. *Psychological bulletin*, vol. 144, n. 6, p. 641, 2018.
- KÖVECSES, Z. Levels of metaphor. *Cognitive linguistics*, vol. 28, n. 2, p. 321-347, 2017.
- KÖVECSES, Z. Some consequences of a multi-level view of metaphor. *Current approaches to metaphor analysis in discourse*, p. 19-33, 2019.
- KÖVECSES, Z. Conceptual metaphor theory: Some criticisms and alternative proposals. *Annual review of cognitive linguistics*, v. 6, n. 1, p. 168-184, 2008.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago, IL: University of Chicago, 1980.
- LAKOFF, G. The Neural Theory of Metaphor. In: GIBBS, R. W (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge University Press, 2008.
- LANDAU, M. J.; ZHONG, C.; SWANSON, T. J. Conceptual metaphors shape consumer psychology. *Consumer Psychology Review*, vol. 1, n. 1, p. 54-71, 2018.
- LANE, H. P.; MCLACHLAN, S.; PHILIP, J. The war against dementia: are we battle weary yet?. *Age and ageing*, vol. 42, n. 3, p. 281-283, 2013.
- LITTLEMORE, J. *Metaphors in the Mind*. Cambridge University Press. 2019.
- LONERGAN, J. E. Understanding Mixed Metaphor and Conceptual Metaphor Theory. Thesis (Ph.D. in Psychology), University of California, Santa Cruz, 2009.
- MEIER, B. P.; ROBINSON, M. D. Why the sunny side is up: Associations between affect and vertical position. *Psychological science*, vol. 15, n.4, p. 243-247, 2004.
- MITCHELL, M. On Crashing the Barrier of Meaning in Artificial Intelligence. *AI Magazine*, vol. 41, n. 2, p.86-92, 2020.
- MURPHY, G. L. On metaphoric representation. *Cognition*, vol. 60, N.2, p. 173-204, 1996.
- NGATCHA-RIBERT, L. Alzheimer disease and society: an analysis of its social representation. *Psychologie & neuropsychiatrie du vieillissement*, vol. 2, n. 1, p. 49-66, 2004.
- PINKER, S. Block that metaphor! *The New Republic*. 2006. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/77730/block-metaphor-steven-pinker-whose-freedom-george-lakoff>, acesso em 16 jun, 2020.

- SAUCIUC, G. A. The role of metaphor in the structuring of emotion concepts. *Cognitive Semiotics*, vol.5, n. 1-2, p. 244-267, 2009.
- SEMINO, E., DEMJÉN, Z., & DEMMEN, J. An integrated approach to metaphor and framing in cognition, discourse, and practice, with an application to metaphors for cancer. *Applied linguistics*, vol. 39, n.5, p. 625-645, 2018,.
- SIMAN, J. H. Metáforas sobre doença de Alzheimer: no pensamento e no mundo social. *Revista do SETA*, ISSN 1981-9153, vol.9, 2019.
- STAMPOULIDIS, G.; BOLOGNESI, M.; ZLATEV, J. A cognitive semiotic exploration of metaphors in Greek street art. *Cognitive Semiotics*, vol. 12, n.1, 2019.
- STEEN, G. Attention to metaphor: where embodied cognition and social interaction can meet, but may not often do so. In: HAMPE, B. (ed.) *Metaphor: Embodied cognition and discourse*, NY: Cambridge University Press, p. 279-296, 2017.
- STEEN, G. Deliberate Metaphor Theory: Basic assumptions, main tenets, urgent issues. *Intercultural Pragmatics*, vol. 14, n. 1, p. 1-24, 2017.
- STEEN, G. J. The contemporary theory of metaphor—now new and improved!. *Review of Cognitive Linguistics. Published under the auspices of the Spanish Cognitive Linguistics Association*, vol. 9, n.1, p. 26-64, 2011.
- STEEN, G. The paradox of metaphor: Why we need a three-dimensional model of metaphor. *Metaphor and Symbol*, vol. 23, n.4, p. 213-241, 2008.
- SULLIVAN, K. Frame-based constraints on lexical choice in metaphor. In: *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 387-399, 2006.
- SVANLUND, J. Metaphor and convention. *Cognitive linguistics*, vol. 18, n.1, p. 47-89, 2007.
- THIBODEAU, P. H., MATLOCK, T.; FLUSBERG, S. J. The role of metaphor in communication and thought. *Language and Linguistics Compass*, vol., 13, n.5, 2019.
- THIBODEAU, P. H., HENDRICKS, R. K.; BORODITSKY, L. How linguistic metaphor scaffolds reasoning. *Trends in cognitive sciences*, vol.21, n.11, p. 852-863, 2017.
- THIBODEAU, P. H.; BORODITSKY, L. Metaphors we think with: The role of metaphor in reasoning. *PloS one*, vol. 6, n. 2, 2011.
- VALENZUELA, J. What empirical work can tell us about Primary Metaphors. *Quaderns de Filologia-Estudis Lingüístics*, vol.14, p. 235-249, 2009.
- VERVAEKE, J.; KENNEDY, J. M. Metaphors in language and thought: Falsification and multiple meanings. *Metaphor and Symbol*, vol. 11, n. 4, p. 273-284, 1996.